

ATENTADO CO NTRA AVIDAD ASCOISAS BELAS

FELIPPE REGAZIO

Atentado Contra a Vida das Coisas Belas

Felippe Regazio de Moraes

APPALOOSA
Online Indie Publishing

Livro: AP000A
Regazio, Felipe

Atentado Contra a Vida das Coisas Belas
Felipe Regazio – São José dos Campos SP – 2017
Appaloosa Online Indie Publishing

Ilustração de Capa:
Acervo Pessoal

Produção:
Appaloosa Online Indie Publishing
Felipe Regazio

Este Livro Contém:

. Atentado Contra a Vida das Coisas Belas

ACVDCB
FRM

I

deus é te ver dormindo
deus é a minha tranquilidade
deus é uma maneira de se estar só

é um olhar
que grunhe quando trinca
é o silêncio
quando alaranja meus mapas.

eu vou levar o canivete que você me deu
quando eu der o fora,
é a minha maneira de me despedir.

cavalos morrem sozinhos
cães morrem sozinhos
e aos milhares atravessam rios
para se salvar
como nós fazemos todas as manhãs,
falta de ar
noventa graus
bares
santos
vinhos. lírica.

quando crescemos fica parecendo
que nunca fomos crianças.

meus braços fracos,

a linha
que não encostará no mar. calo.

sinto-me boiando tranquilo em meio a um ciclone que se
forma no ralo da pia.

II

teve o cuidado de depositar o Feto
na lixeira de lixo orgânico,

sua mãe agora dorme esmagada
entre o céu e o concreto da calçada.

meninos de cabelo de sol
curvam-se entre carros e chuva
e do alto de seus cavalos de alumínio
os carrascos da bondade
contam-lhes o pescoço,

mais tarde
a ventania sepultará seus corpos
entre pressa e sorrisos
e a enxurrada os carregará junto
a latas de coca cola, santos e políticos.

agora os advogados almoçam
e as mães oram baixinho.

III

eu. meus sonhos. e o meu cansaço.
meu corpo oco, roxo. amarelo. magro.

morávamos em mim todos nós:

eu, o mundo,
e meus gatos imaginários.

IV

ter riso pouco, vício raso,
olho roxo, caco, vidro

calo.

ter achado cômico o
sonho.
riso trágico.

oferece pouca companhia o corpo
ralo.

remédio, rosto,
o avesso da janela,
vivo

oferece pouco sentido
o gosto morno do que falo.

V

Teu olhar é uma leoa andando em círculos na própria
jaula.

VI

como se não valesse nada
a existência de tudo
as sombras morrem um pouquinho
a cada minuto

e lá fora
a vida assusta os passarinhos.

VII

Um dia ela ia pegar as pedras
e construir uma asa
e traçar um voo alto e reto
pra dentro de si mesma

E tantos dias se passavam

Um dia ela ia falar das flores
e das mágoas
como se fossem a mesma seda
como são
a circunferência e a reta
o mesmo traço

E tantos dias se passavam

Um dia ela ia gritar tão alto
quanto se pudesse ensurdecer
que já era ela suja e fraca
e que seus seios
havam enferrujado

E tantos dias se passaram.

VIII

que nem ontem, hoje eu não queria levantar.

acordei,
coloquei os pés descalços no chão gelado,

pensei:
puta merda, as pessoas existem.

o meu estar ali era uma matéria
mole
e invertebrada
de qualquer inseto
de qualquer língua,

de qualquer chuva
que só vive enquanto acaba.

IX. ou “Poema pra ter ver Dormir”

eu quero te irritar,
te acordar antes das seis
te entregar bilhetes em branco
flores da rua
colher hortelã pra você colocar no seu chá

eu quero rabiscar o seu norte
apedrejar as estrelas
reclamar do meu dia

eu quero sair sem pagar

começar pelo fim, te deixar
cortar meu cabelo,
observar os lençóis no varal
e me deixar observar

derrubar seus livros
esquecer as chaves
manchar as paredes,
criar atrocidades verbais

aprender línguas mortas
deixar a luz acesa. presa.
linguagem de sinais,
eu quero te fotografar.

eu quero te fazer voar
like lucy in the sky.

X

cansado dos dias, dos cargos,
dos relógios, dos nomes das ruas.
do amor das mulheres qu'eu amo.

basta a cadeira de balanço
n'uma casa sem garagem,
abraçar hábitos e vícios
duvidáveis
sem que me acusem
desperdício

regar as pimenteirias de manhã
ou nem ter pimenteirias
pra que não me vejam despertar.

sentar-me sozinho na rua
e tecer notas sem que a pressa
me apague os pensamentos,
sem que o ônibus chegue,
sem que toque o telefone.

chegar da padaria e esquecer
os pães em cima da mesa.
esquecer os parentes, os amigos,
as paixões. não ter feriados,
aniversários, chás de cozinha
para ir, coisas para perder
ou animais para alimentar.

me deitar no sofá sem rádio ou televisão
e então acordar às cinco

para regar as pimenteiras que não terei
para que não precise acordar pra regá-las.

ter milhares de lembranças
para chorar quando a noite quiser
e comemorar de manhã
esse nunca mais ter que revivê-las.

não ter vida nenhuma para construir,
consertar, amar nada.
saber só algumas músicas para assoviar
e ter os pulmões lesados e exaustos
pra respirar mansinho, não ter livros

para ler
ou pena dos pássaros que moram
na esquina da avenida com a casa.

ter os passos vagarosos
pra atrasar o mundo,
o vento, as nuvens
e o ritmo
com que a engrenagem,
o relógio eu e aquilo tudo
que não sou eu
têm me obrigado a pensar.

XI

eu vejo cristo na molecada
descendo a ladeira da favela
rindo
com o céu alaranjado nas costas.

eu vejo cristo nas palavras de
marcia, diego, maiara.
nas palavras de quem encarnou antes
dessa meia dúzia de ontens.

eu vejo cristo na pontualidade
das damas da noite,
n'um céu aberto,
na regra irrefutável
de que a água da chuva tem
que descer o morro.

eu vejo deus no corpo de camila
de madrugada.

na igreja só há concreto.

XII. ou “Catarina”

salvar não é evitar a morte, catarina.
salvar é permitir que aquilo
conviva bem com você,

apaziguar a carne e reservar
uma dessas manhãs
pr'eu organizar todos esses livros
qu'eu compro e não leio.

deixar a via-láctea coalhar no copo
e ter dois minutos pra não pensar
em absolutamente nada
enquanto escuto o mantra oco
do microondas: minha meditação.

me emocionar só depois que transformarem
toda essa baboseira tristíssima em cinema,
a realidade não:
todo mundo só vive porque é covarde
ou só sonha o tangível, catarina,
e vai ver é um erro essa convicção.

há apenas uma vontade monstruosa
de existir
nem que isso custe a existência do outro,
nem que custe a calma,

e o seu corpo aí
reclamando que eu nunca aceno de volta,
que eu só ando olhando pro chão.

XIII

eu era muito novo quando vi
pela primeira vez
um passarinho morto.

com os dedos cruzados
na mão da minha vó
fiquei alguns minutos
olhando o cadáver minúsculo
atrapalhar a enxurrada,

foi a primeira vez
que tive o lampejo
de que eu estava realmente vivo
e suscetível à vida,

de que eu estava vivendo e,
como todos,
inevitavelmente fadado à inanição,
à estática, à insignificância,

já que essas coisas não poupavam
nem os deuses, nem os passarinhos.

XIV

em

se tratando de jogar conversa fora. de limpar o banheiro. de acordar às cinco. de lembrar de levar as chaves. de recolher as roupas no varal. coisa, ímã, bicho, meu riso ou coisa parecida: quase nada - n'um dicionário de latim um significado exemplificado pra ela: exemplos da função onomatopáica de tris

o estalido do vidro. os amigos felizes. o frio. não ir ao médico, cuidar em casa. antes do braço ao fim do antebraço: a pata. deve ser dia vinte. deve ser um céu índico em minhas omoplatas. fico, se for pra

te

fazer um agrado. abrir os olhos na piscina. comprar vinho, o mais barato. o mais vivo. traças, cílios, homo faber. uma santa que rasgue os meus livros de madrugada. cabras, tintas, mosquitos. o umbigo raso. ver. guardar a maneira com que você dorme n'aquela garrafa, aquário. pisos brancos, o número cinco. o prato e o dizer. não é escolha, destino, conveniência, efeito, fato. o único ato, a única casta: ser.

XV

a hipernova em suas costas
deserta
a reta finíssima em sua pele
marfim
a superfície do peso-no-seio

em silêncio a nebulosa
no meu peito
a sua arcada dentária
e o peso

já qualquer coisa torta qu'eu vejo

o meu meio que invade seu meio
até que o meu toque fotografe
o inteiro da sua boca entreaberta
e a língua habitando a vala

desse seu cheiro de anjo porco
que depreende pouco
do mínimo que agora pode
a minha consciência

em mim a sua nudez desenha
céus cores vícios cabras becos e
pequenas demonstrações de violência.

XVI

sua mão pode abraçar a mão dela. inteira. pequena, delicada. você poderia tomar um soco daquelas mãos sem tirar o sorriso idiota da cara.

XVII

cê pode ter se casado, joão,

pode ter amado sinceramente
pode ter alcançado sonhos antigos
pode ter tido verdadeiros amigos
pode ter comprado duas entradas
pro cinema

mas todas as vezes que cê acordou
cê acordou sozinho nessa vida.

XVIII

há um jardim cego
nas paredes da minha casa
casa de lata e sussurros

casa de
cães mudos

há um jardim áspero
entre as suas pernas

e o copo esquecido
entre a vontade
de possuir tudo
e o desejo
de que nada se faça,

crio-me turvo
e o corpo envidraça.
desnudo

o corpo esquecido
e o isqueiro
esquecendo fogo no sofá da sala,

casa curva. casa de chão mudo
e fotografias de concreto
no gelado azul escuro. traças

e os caramujos que carregam
meus sonhos nas costas
escalando pacientemente o muro

e os sussurros da casa,
casa de olhar curvo, corpo de raspas.

XIX

derrubar junto com sua toalha de banho
milhares de correntes filosóficas,
literárias, ensaios
teorias

inúteis

livrar-se e não saber idioma nenhum
e então divertir-se em poder significar
siproasincricidade
e a inutilidade da existência,

um por um
pedindo todos os dias antes do almoço
por um movimento anti-horário do sol.

estar. e te deixar rabiscar minhas roupas
e sentir em silêncio a micro explosão
de tudo o que eu acho
que poderíamos ser
e ver o universo discordar rindo

da sua fome
do seu cinismo
enquanto você come
tragédias, batatas fritas, bife frio
e coca cola no jornal da tarde.

XX

O meu amor é um homem-bomba te perguntando as horas.

XXI

a textura dos seus dentes
passeando o meu cárcere
pra que tu saia.

a textura do seu vento róseo lambendo
a textura da minha cela gelada
pra que tu saia.

saia de casa

que o meu olhar inda pouco
passeava o horizonte laranja
no balanço sereno da sua saia.

XXII

no fim
só o que fica
é o não viver

o não estar

um eterno
não existir

só o que dará certo
é o não fazer,

essa falta
esse oco constante

alinhavando nuncas
entre o sim
e o não

a ausência
do contorno

o perpétuo inexistir
a sarna

o deus eterno
pai sem mãe sem pai
sem coração.

perpétuo quase, vontade,
crase, potencialidade,

mudez,

tudo o que fica
é o esquecer
cravado
na pele das árvores

sem se importar se sim
se antes se acabo
se cabe

ser
senão

lo que me hace cerrar los paraguas
quando começa a tempestade.

XXIII

inda agora o vi
virar a esquina de bicicleta,

cara que ri pro pra cachaça
e vem de longe
trazer cultura
palavra bastarda
pra construir casa
pra quem não sabe
a cor do que é pouco

a neblina cantava
porque era madrugada
e porque era essa mesma toada
que acordava os meus escombros,
eu me calava.

o cansaço perpetuo-corpo-funcional
de olhos assustados encaixotados
que é pra esconder
a marca dos tombos,
o barulho da lata
no crochê do cachecol: sua suástica.

o mundo inteiro olhava
o sol nascer da janela desse ônibus
e a orquestra tímida do meu riso
se desfazia no laranja magro
da manhã que devagar me abraçava.

XXIV

ainda falo
mas não tanto.
acrílico, papel, carta,

teus pelos
seios
misturados
a cor desse quando
qu'eu carrego há tão pouco

entre os anos que não terei
e a cara da flora qu'eu ando

meus medos já são quantos,
meio esquerdo inteiro,
amo
no entanto

só eu sei
dos mares qu'eu pranto.

XXV

acho que não há demonstração de carinho mais sincera
do que o cuidado.

XXVI

o chão molhado congelava minhas meias por causa do
tênis velho e tudo tava destruído

cada cômodo da casa vagava comigo carregando meus
olhos de vira-lata e quando averigui o quarto
encontrei cristo

esgueirando-se pelas paredes, assutado. quando me viu,
escondeu-se cobrindo a cabeça com os braços
e dava pra ver as costelas
tremendo junto com resto do corpo magro.

sempre qu'eu me aproximava ele corria pro outro lado,
desengonçado, resmungando, quadrado. o tempo
era uma espécie de orvalho que escorria sobre o vidro,

por vezes vagaroso, por vezes veloz como uma ventania,
e por isso pude ver cristo urinando na parede
muitas vezes, rindo ou dormindo. conheci todos os
humores dele

e quando passei da sala e vi a porta de entrada
bloqueada pelos escombros e toda a madeira,
vi também alguém como um sol que estivesse sempre
no canto da retina

a minha língua mutilada me traía e alguém me olhava
dos escombros. alguma coisa colocava as mãos leves nas
minhas costas e mexia nos meus cabelos. era eu
mas eu não me reconhecia.

XXVII

teremos que morar n'uma rua
em que as árvores
deixem cair a sombra e as folhas no chão

e que as casas sejam pequenas
com fachadas de azulejo
quintais grandes
e portões discretos

que é pra deixar entrar o vento
e entrever
as plantas e as roseiras.

há de ser assim a casa
e os nossos corpos
que é pra compensar
os anos de chumbo e concreto,

de sono e de cinza,

pr'eu poder te contar
na beira da cama
perto do mar
quando você
quase adormecida
que quando criança

eu e meu primo
abríamos as pilhas que
iam nos brinquedos,
descascávamos o alumínio

e puxávamos de dentro
o núcleo pequeno
parecido com um carvão

e então desenhávamos com a carga queimada
rostos alegres, sóis negros, casas
e dúzias de flores químicas no chão.

XXVIII

o meu ódio faz crescer ramos de flores estúpidos em
mim toda manhã, os quais você, pacientemente,
poda ao anoitecer.

XXIX. ou “Retroflexa”

o cancro de borracha da polícia
o batom vermelho, jeans
o livro qu'eu ganhei e não vou ler
a poça d'água no meu peito
os filhos que colocaram nesse mundo
as flores desesperadas
no parapeito da sua janela
o olhar dos cães
que sabem que vão morrer
as convenções
o equilíbrio, o óleo diesel
o ódio e o riso
que condensa todo o esperma
e a hereditariedade da raiva
os velórios, as festas
os bilhetes por baixo da porta
janelas, jornais
e a discreta necessidade
da nitidez do contorno

alma é o que você faz com os outros.

XXX

asas rápidas pra criar
um sobrenome pro corpo.
rápidas. ininterruptas.
porque a noite é eterna
e só é dia porque
ela também descansa.

luzias bioluminescentes
entre as roseiras e cânticos
e marcas estranhas
no meio da minha pele suja,
entre as minhas rosas porcas,
entre as minhas farpas
as minhas entranhas.

os penduricalhos
continuam a compor canções tristes
para a casa vazia, a poeira,
os garfos, os trapos, a varanda
e as horas escondem em seus cabelos
as chaves para trancar a porta.

antes da claraboia a lista
da minha via láctea:
retirar as roupas do varal,
olhar o sol e construir um mapa
pra desenhar um caminho de volta.

antes que a ventania parta
e partamos com ela, volta
e me ensina a sua calma.

volta sob o suspiro leve da catarina
as luzes, a chuva forte
e as patas tortas
da cadela magra
que mastiga as roseiras
e entorta a lógica.

volta pra rir do ralado leve nas mãos
e entender o vício idiotas das estrelas
que comigo tendem sempre
ou para o excesso ou para as sobras.

XXXI

uma vez um deus presenteou um mortal com uma semente e disse que ela se tornaria uma linda flor com a única condição de que fosse regada somente no sereno da madrugada:

aí nasceu a boemia.

XXXII

cê queria o abraço magro das manhãs
ou o seu corpo sob o vazio inerte
de um lençol que eu nunca tivesse visto

cê queria sua presença explodindo
em minha quietude de bicho
que está sempre preparando-se
pr'as ausências

cê queria uma gota de petróleo na piscina,
uma estampa com meu nome ao contrário.

cê queria meu estado de cachorro cinja-sujo
que
abana o rabo
quando cê passa
e late enraivecido se você se aproxima.

XXXIII. ou “Fábula pro Planalto”

um enorme elefante vaga
por entre os desertos
em meu antebraço
até a sua boca de tangerina

operários sentados no chão
concentrados
escrevem “fosco”
repetidas vezes
uns nos outros
vagos. calados.

na hora marcada
homens afogados
os enforçarão com gravatas
e lerão fábulas de wall street
para seus tímpanos dormentes.

nós assistiremos a missa da varanda
de nossas casas. pagãos. quietos
em nossos cabelos de tempestade

já que é tarde e as crianças miram passarinhos
de olhos fechados, a lírica da fome:
um cara colhe a água da chuva
e mancha uma maçã
com os dedos de barro. cães latem.

XXXIV

O riso dos alcoólatras me soa mais puro que o riso das crianças. Me é mais sincero o riso de tudo o que já sofreu.

XXXV

minhas patas pesadas
dependuradas inúteis em meus punhos.

não ando sobre os milharais por onde passo.
não ando sobre os campos por onde passo.

flutuo pomares imaginários e deixo
meu corpo pesado pr'a trás

deixo-a também pr'a trás
entre meu pouco que não pode abraçá-la
e a patas dependuradas, minhas, pesadas

sem que meus dedos alcancem seus lábios,
nado

empoeirado como o vento, pacífico
como o senhor do nada adornando
a morada da coisa rara que ergue-se
no lugar das árvores,
maior que as casas

o perpétuo estado de fuga de mim mesmo,
o perpétuo afogar-se das minhas asas.

XXXVI

nunca sei como reagir. isso me torna um completo teatro de mim mesmo.

toda a minha espontaneidade é imaginada.

XXXVII. ou “Sócio-Cinemática Circular”

com sete bilhões de pessoas pode-se formar uma vila no universo. então pode-se falar e matar e ocupar-se inventando novas maneiras de falar e matar. é uma vila grande que não possui um lado de fora. você sempre está dentro. você sempre está correndo com eles, mesmo que você pare.

XXXVIII

Compramos cervejas pra
deixarmos esquentando de madrugada.

Trocamos os lençóis,
fechamos a porta da cozinha e as janelas.

Compramos maconha pra deixarmos
por meses na gaveta do criado mudo
porque não temos tempo
pra desacelerar as manhãs,

esquecemos a TV ligada.

Escrevemos lembranças às pessoas
que nunca vimos e nunca veremos
e descansamos o olhar
no teto branco do quarto.

Somos dados a pequenas fugas,
viagens, pequenos incêndios,
índias,
falhas,
lisergia,
planagens
e a segundos que separam milênios.

Compramos livros antigos
em idiomas que não conhecemos,
uma lata enferrujada e roupas velhas:
trapos para os nossos corpos imundos.

Temos muito descuido, sono,
pouco cuidado, raiva, cansaço
e um colar de contas chamado mundo.

XXXIX

Preciso de alguém para conversar

mas não pode ser um conhecido,
não pode ser amigo, ou desconhecido.

preciso de alguém pra conversar

que não seja humano,
que não seja planta, isqueiro,
garrafa de cerveja ou pano de prato.

tenho me familiarizado
as coisas inexistentes.

preciso realmente contar pra alguém
sobre algumas aflições que vêm
me corroendo os ossos e o céu

mas não pode ser verbo,
nem eu, nem santo,
nem freira, nem código de barras,
nem deserto, nem campo.

preciso partir - não para chegar -
mas pelo simples ato de ir,
e preciso de alguém pra conversar

porque não se tem alma todo tempo,
e nem se pode morrer amando
e nem se pode deixar de amar.

XL

trago
no peito a voz
na boca um nó
e na gaveta milhares de cartas desendereçoadas

guardo-as em potes de maionese.

quando eu crescer terei vergonha de abrir as asas.
as asas e as pernas. as pernas mantereí amarradas
até que atrofiem

as asas eu conheço bem, conheço meus irmãos de pele
suja e asas magras conheço bem meus inimigos. Meus
lábios abertos formam uma navalha e o que eu sinto
e o que eu guardo tem sempre a beira afiada

eu tenho ternura pelas mulheres que dormem
cansadas nos ônibus à tarde
porque talvez pareçam menos amargas, talvez
de olhos fechados não recriminem e não sejam
recriminadas. observo as pálpebras, o nariz, os ombros
escondidos pelo tecido claro.
o valor das coisas é uma invenção.

tem gente nas frestas escorrendo entre os muros. tem
gente em qualquer vão, por baixo do lençol,
dentro da água. tem gente que mora longe.

tem muita gente que mora longe nesse mundo.
tem uma tempestade dentro do sol.

XLI

a cerveja está um pouco
quente. o cachorro
provavelmente
tá deitado no sofá
e não chove faz dias.
as adúlteras estão dormindo.
os porcos estão em paz,
nenhuma virgem imaculada
tá desejando morrer no mar,
as formigas continuam
se perdendo na pia da cozinha
e a vida segue
como uma infinita tentativa de disfarce.

XLII

Quem explode caixas eletrônicas ao meio dia é que é poeta.

O resto é só uma molecada crescida que escreve seus medos.

Atentado Contra a Vida das Coisas Belas
Felippe Regazio 2015

Appaloosa Online Indie Publishing
www.appaloosabooks.com